

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EPISTEMOLOGIA DA FISIOTERAPIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Melquisedek Monteiro de Oliveira ¹
Anny Rafaelly de Carvalho Queiroz Silva ²

INTRODUÇÃO

A epistemologia enquanto projeto filosófico é intrínseco à consolidação da ciência moderna, isso porque tem como objetivo identificar e avaliar as formas de produção do conhecimento. Assim, a epistemologia se propõe a avaliar a ciência, ou melhor, a teoria do conhecimento científico (NUNES, 2008).

Em seu sentido mais restrito, a epistemologia ou filosofia da ciência, se refere a um estudo sistemático das condições de possibilidades, métodos e critérios do conhecimento científico. Quando nos referimos a epistemologia da fisioterapia, levamos em consideração seu objeto de estudo que é o movimento humano.

Para a ciência moderna o saber não é absoluto, e todo conhecimento é passível de teste e de conclusões modificáveis. Dessa forma, uma técnica ou tratamento fisioterapêutico que hoje são considerados como padrão ouro, podem se tornar obsoletos daqui alguns anos.

Ao se fazer uso de técnicas que foram testadas em estudos clínicos, levando em consideração conhecimentos teóricos de fisiologia, cinesioterapia, biomecânica, dentre outras disciplinas do conhecimento terapêutico, pode-se afirmar que a fisioterapia utiliza bases epistemológicas centradas no conhecimento científico que foram testadas em condições específicas, podendo ser reproduzíveis.

No entanto, de acordo com a teoria da complexidade de Edgar Morin, a problemática epistemológica vai além das questões metodológicas e se baseia nas noções de pluralidade dos sistemas físicos, biológicos e antropossociológicos, o que requer uma compreensão complexa, onde a razão se caracteriza por ser evolutiva (ESTRADA, 2009).

Se considerarmos essa teoria, quebrando o paradigma clássico e indo em contraponto ao modelo biomédico, pode-se fazer uma análise mais ampla de todos os conhecimentos que ajudaram a construir a profissão da fisioterapia, que em princípio, era baseada no senso comum e ao longo do tempo foi evoluindo enquanto ciência.

¹ Mestrado em Fisioterapia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, melquisedek_monteiro@hotmail.com;

² Mestrado em Fisioterapia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, annyzinhaq@gmail.com.

O objetivo deste trabalho é levantar um questionamento acerca das bases teóricas que nortearam o desenvolvimento da fisioterapia em meio do seu objeto de estudo, a partir de uma análise histórica do surgimento da profissão e de sua formação acadêmica, mostrando um pensamento crítico sobre a prática fisioterapêutica dentro e fora do ambiente acadêmico.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de um relato de experiência acerca das discussões realizadas na disciplina de Epistemologia da Fisioterapia, do Programa de Pós-graduação em Fisioterapia da Universidade Federal da Paraíba, sendo obrigatória na grade curricular do mestrado acadêmico em Fisioterapia.

Durante a disciplina, além das aulas expositivas, participação em seminários e discussão de artigos, os alunos foram solicitados a entregar aos professores um trabalho final contendo as principais conclusões do que foi aprendido em sala acerca do pensamento científico. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura que pudesse fomentar o conhecimento a auxiliar no entendimento das teorias discutidas. Algumas das principais observações sobre a análise da produção científica e da formação acadêmica da Fisioterapia foram sintetizadas neste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os debates entre a turma, foi possível compreender que a visão mecânica proporcionada pelo modelo biomédico, aborda as pessoas e o corpo humano como máquinas imperfeitas, e suas partes foram separadas para estudar e tratar por aqueles que detinham o poder do conhecimento. Entretanto, esse modelo biomédico, utilizado na maior parte das pesquisas realizadas na área da fisioterapia atualmente, não é suficiente para atender todas as demandas do adoecimento do corpo.

Tomando por exemplo um paciente que apresente dor lombar, sua condição dolorosa pode estar associada a fatores biomecânicos da coluna vertebral, porém muitas vezes questões psicológicas e/ou sociais e comportamentais são capazes de gerar essa dor lombar sem que haja qualquer alteração física do paciente.

Outro exemplo são pacientes que apresentam dor crônica, em que o modelo biomédico curativo não é capaz de explicar e tratar esses processos, e a fisioterapia em seu conceito tradicional de reabilitadora não consegue atender plenamente essa demanda sem que haja

interação com outras áreas do conhecimento, outros profissionais e até mesmo colocando o próprio indivíduo como autor principal da sua recuperação e não apenas sendo um coadjuvante passivo em seu tratamento.

Este modelo também influenciou a forma de ensino nas universidades, onde cada sistema do corpo humano é ensinado separadamente, cada área de estudo tem suas técnicas específicas e existem disciplinas distintas que não se relacionam entre si. Mesmo tendo sua importância para a construção do conhecimento, com o passar dos anos foi surgindo a necessidade em constatar que o modelo mecanicista não supre todas as necessidades humanas e nem responde todas as perguntas.

Um estudo realizado por Haupenthal *et al.* (2012) que se propôs a analisar a produção científica dos programas de pós-graduação em Fisioterapia no Brasil constatou que a maior parte dos estudos desenvolvidos são direcionados às especialidades da atuação profissional e as técnicas utilizadas, se desvinculando do aspecto social dos indivíduos investigados.

Segundo Chesani (2013) há dois tipos de pesquisa na área de fisioterapia. Cerca de 75% adotam o modelo empirista com base em experimentos que tendem a neutralizar o indivíduo, e a menor parte são na área de educação em saúde e promoção da saúde, que priorizam os aspectos biopsicossociais dos sujeitos.

Essa barreira histórica se reflete na forma de pensar na ciência da fisioterapia, que muitas vezes é focada em métodos e técnicas, sem considerar o pensamento por trás daquele produto. Adotar uma visão epistemológica é uma dificuldade para a fisioterapia, encontrada desde os componentes curriculares e que vai além do ambiente acadêmico e se reflete na prática fisioterapêutica.

Na grande maioria das universidades o modelo de ensino pedagógico ainda é deficitário uma vez que nem todos saem da graduação com um pensamento pesquisador e a prática fica restrita a conceitos conservadores e muitas vezes empiristas, com pouca ou nenhuma preocupação com o embasamento científico das técnicas utilizadas. A pesquisa é pouco estimulada e os alunos são ensinados a tratar patologias seguindo técnicas que ainda não tiveram sua eficácia comprovada, seguindo protocolos estabelecidos como se fossem “receitas”.

No começo da profissão eram utilizados livros e métodos clássicos, que mostravam resultados satisfatórios no tratamento dos pacientes. Porém, com o avanço da ciência e a nova tendência à prática baseada em evidências, esses métodos são testados por meio de pesquisas com a finalidade de comprovar seus efeitos. No entanto, ainda são poucos os profissionais que usam a prática baseada e evidências.

No âmbito da pós-graduação este cenário talvez seja um pouco diferente. Villela e Coury (2009) afirmam que nos últimos anos houve um aumento da produção científica da fisioterapia no Brasil devido ao amadurecimento da profissão, ao maior incentivo à pesquisa no país e também ao aumento da demanda do profissional fisioterapeuta no mercado de trabalho.

Por ser historicamente tecnicista, a fisioterapia ainda enfrenta dificuldade em ampliar o conhecimento científico para fora do âmbito acadêmico, já que o estudante não é preparado para pensar de forma filosófica acerca do conhecimento científico, o que se reflete em sua prática clínica.

Ainda com relação a metodologia utilizada no processo de formação dos fisioterapeutas outro fator chama a atenção no que diz respeito a disciplina de Epistemologia, que não é ofertada nos cursos de Fisioterapia, tanto de graduação como em nível de mestrado acadêmico, o que reflete na pouca quantidade de estudos e debates acerca do tema.

Fleck (2010) afirma que para que ocorra a produção do conhecimento é necessária uma base teórica e metodológica. Talvez essa deficiência na formação acadêmica justifique o fato de que os estudos e artigos publicados sobre epistemologia da fisioterapia se limitem a discutir e elencar apenas as áreas de atuação do fisioterapeuta, como ortopedia, respiratória, neurológica, entre outras.

A fisioterapia enquanto ciência ainda precisa construir um marco teórico que sustente sua produção científica. Diante do déficit em relação a uma base sólida de conhecimento acerca da ciência, as pesquisas ainda dão muita importância aos métodos. É indiscutível que os métodos são certamente uma das partes mais importantes de um trabalho científico, já que para que se tenha um bom resultado, com o menor viés possível, é necessário que se tenha uma boa metodologia.

Entretanto, não se pode esquecer de para quem a ciência é feita. Além dos números e resultados apresentados, é preciso saber qual o real impacto que esses estudos proporcionam aos participantes que fazem parte de uma pesquisa. Além de avaliar a força, flexibilidade, equilíbrio, coordenação, etc., é preciso entender como essas variáveis interferem na qualidade de vida, nas interações sociais, na melhora da autoestima e na autonomia desses indivíduos.

Para Bispo Júnior (2009) a fisioterapia precisa redimensionar seu objeto de estudo, se aproximando do campo da promoção da saúde, no entanto sem abandonar seu caráter reabilitador, para assim ser capaz de transformar as necessidades coletivas da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste trabalho, é notadamente necessário que uma visão mais ampla dos indivíduos diante dos seus determinantes sociais em saúde seja incorporada dentro da Fisioterapia, seja nas universidades, nas pesquisas e também dentro das clínicas, hospitais e atendimentos domiciliares.

Se faz necessário romper as barreiras e modificar a forma que se faz ciência na Fisioterapia, fazendo com que os novos cientistas fisioterapeutas entendam que não adianta fazer pesquisas apenas para publicações de artigos em revistas de alto impacto. É preciso dar uma devolutiva para a sociedade da importância e do papel do fisioterapeuta não só durante a reabilitação das doenças, mas em todo o processo de promoção e prevenção da saúde.

Palavras-chave: Fisioterapia; Ciência, Pesquisa.

REFERÊNCIAS

BISPO JÚNIOR, J. P. Formação em fisioterapia no Brasil: reflexões sobre a expansão do ensino e os modelos de formação. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 655-668, 2009.

CHESANI, F. H. A produção acadêmica em fisioterapia: um estudo de teses a partir dos pressupostos epistemológicos de Fleck. Saúde e Sociedade, v. 22, n. 3, p. 949-961, 2013.

ESTRADA, A. A. Os fundamentos da teoria da complexidade de Edgar Morin. Akrópolis, v. 17, n. 2, p. 85-90, 2009.

FLECK, L. Gênese e desenvolvimento de um fato científico. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

HAUPENTHAL, A.; VIRTUOSO, J.; DUARTE, N.; SANTOS, D. P.; ANDRADE, A. Análise epistemológica dos estudos de conclusão de curso nos programas de Pós-Graduação com Doutorado no Brasil, Fisioterapia em Movimento, v. 25, n. 1, p. 141-151, 2012.

NUNES, J. A. O resgate da epistemologia. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 80, p. 45-70, 2008.

VILELLA, I.; COURY, H. J. C. G. Perfil do pesquisador fisioterapeuta brasileiro. Revista Brasileira de Fisioterapia, São Carlos, v. 13, n. 4, p. 356-63, 2009.